

Coimbra Gaicato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 15 de Dezembro de 1979 * Ano XXXVI — N.º 933 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NATAL

Faltam dez dias quando este número vir a luz. As vossas mãos irá chegando ao longo deles; por isso o fazemos portador dos nossos sentimentos.

«Naquele dia aparecerá em magnificência e glória o **Rebento** do Senhor, também Fruto sublime da terra e causa de alegria para os que foram salvos de Israel» (Is. 4, 2).

Em glória foi Ele recebido pelos pastores. E para os não admirar com outra magnificência senão a que d'Ele mesmo irradia, o lugar escolhido para o encontro foi o mais familiar aos primeiros chamados: uma gruta bem deles conhecida para repouso e abrigo dos rebanhos. De uma vez para sempre Ele insinuou que a magnificência em que Se deleita é a dos corações humildes e mansos como o Seu; tudo o mais é cenário. E a glória que Lhe convém só os livres de coração, abertos à alegria da Sua vinda, são capazes de prestar-Lhe.

Ele é **Rebento** do Senhor, germinado da terra e na terra dos homens. Sublime o mistério deste Fruto dado pelo amor infinito de Deus, por um amor sobreracional que a mais portentosa inteligência não pode compreender nem explicar. Ele é o DOM do Pai. Vem para os homens. Mas vem também do Homem, o Filho do Homem. Impensável a delicadeza do nosso Deus! Fruto sublime, causa da alegria invicta e invencível dos que foram salvos — os que deixam salvar-se, esvazian-

do o seu coração de qualquer outra semente, purificando-o para ser terra apta a receber em si «germen Domini», Ele sim capaz de produzir da terra e na terra a Felicidade.

Só os humildes podem ir **vendo** O que hão-de ver eternamente. Só eles são capazes de dar glória. Só eles são aceites no seu cântico da Alegria e abençoados na sua obra de Paz. Bemaventurados...!

A todos os Leitores e a todos os homens, a quem queremos amar como a nós mesmos, eis o nosso voto.

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

«E os dois discípulos de Emaús reconheceram o Senhor no repartir do pão.»

Enquanto escrevo, vou escutando um grupo dos nossos rapazes que, nos ramos das oliveiras, vão respigando e varejando a azeitona que havemos de escolher e colocar em talhas e tanques onde há-de ser curtida e depois saboreada; a outra há-de seguir para o lagar a transformar-se em azeite e encher nossas pias e potes, para depois enriquecer e apaladar a nossa comida. Cantamos de alegria.

Andamos contentes com a promessa das nossas oliveiras. Mais contentes com as oliveiras, com promessa dos seus frutos, do que com as imensas

promessas que estamos cansados de ouvir neste período de propaganda. Vamos perdendo a esperança.

Vamos continuando a reconhecer o Senhor no repartir do pão. E neste repartir do pão, e neste repartir da vida, nós queremos reconhecer o Senhor. No silêncio. Sem grande propaganda. Com muito amor. Com muita renúncia. Com humildade. É mais feliz quem dá do que quem recebe. Mas os que se julgam grandes deste mundo não entendem assim. Espalham-se. Propagandeiam-se. Fingem comprometer-se.

E em atitude de fé e de oração vamos partilhar do repar-

Cont. na 3.ª pág.

AQUI, LISBOA!

● O senhor António jardineiro fez 80 anos. A Comunidade, ao som da viola, cantou os «parabéns p'ra você» à sua entrada no refeitório, para depois repetir o mesmo cântico quando da vinda dum bolo com uma vela, para a mesa, Abriu-se uma garrafa de espumante, com barulho e tudo. As palmas e as aclamações, mais as flores que o «Russinho», seu ajudante, lhe entregou, foram parte do cerimonial. No fim, para sublinhar o significado do momento, dissemos duas palavras. Uma para saudar o venerando ancião e lhe manifestar a nossa gratidão e estima; outra para incutir nos Rapazes o respeito pelas pessoas idosas e lhes apontar o exemplo de vida de quem muito foi esquecido

dos homens e a quem desejaríamos proporcionar nos últimos tempos de existência a dignidade e a consideração de que não gozou na maior parte do tempo vivido. Sentimo-nos comovidos e os Rapazes deram conta disso. É que no senhor António víamos consubstanciadas todas as pessoas idosas vítimas de marginalização ou de menos atenção e carinho, irmãos nossos credores da maior veneração e de profundo respeito,

● A nossa frente uma foto com a seguinte legenda: «Nos hospitais sobrecarregados, os velhos vegetam nos corredores». Refere-se a um hospital sueco, conforme reportagem já aqui abordada e que ainda nos há-de sugerir novas linhas, se Deus quiser.

Infelizmente, em Portugal, a mentalidade de considerar os idosos (e doentes incuráveis) como pessoas de terceira classe, é já notória. Nos hospitais e até nas clínicas particulares, se não se é importante ou ligado aos importantes do Mundo, os velhos (e doentes incuráveis) são sempre postergados. Isto é trágico e revelador do mais acentuado desmoronamento moral. Enquanto tivermos forças não nos calaremos. Alertar e responsabilizar as famílias e os homens de boa-vontade é um dever indeclinável de quem não se quer submeter à avalanche de ignomínia que, neste como noutros aspectos, avança caudalosamente, submergindo tudo e todos no desprezo pelos direitos sagrados do homem, mormente do direito à vida e do direito a merecer, quando doentes ou encanecidos, porque mais débeis e fracos, todos os desvelos e atenções.

● O espectáculo, já aqui referido, dos expostos nas ruas da Capital, aumenta. Gessados, coxos, parafíticos, com ou sem letreiro, topam-se por todos os lugares. Só o transeunte muito distraído ou insensível nada verá. Onde estarão as autoridades para discernir a verdade das situações e o serviço social, eficiente e rápido para dar as respostas adequadas a cada caso? Somos contra o espectáculo quotidiano de cegos a pedir. Preferimos sempre ajudar as instituições. A sociedade não faz



Continua na TERCEIRA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

LIÇÃO — Era noitinha, antes da reunião no refeitório. Hora de brincar. Eu passava e uma chusma deles faziam a maior algazarra ao correr em direcção ao consultório. Todos à uma acusavam o Amândio: — «Foi ele que deu com uma pedra na cabeça daquele; foi mesmo ao pé da vista». E lá estava o ferido a ser socorrido por uma das nossas senhoras.

O acusado tentava defender-se de todos os acusadores. O mal dum, reprimido pelos outros! Quem dera que eles soubessem estar, quando homens, sempre do lado da razão. Que melhor escola do que esta? O pior era a senhora que não sabia se acudir ao sinistrado se calar tantos acusadores. A lição existe nesta e noutras desordens. Assim eu ta soubesse comunicar!

DIA DE TODOS OS SANTOS — O nosso Bispo veio celebrar connosco. Falou-nos da sua responsabilidade de Pastor que é, mais da nossa como alertados: A evangelização à nossa volta, ajudada pela nossa Comunidade. Nós dissemos da necessidade de o termos mais vezes connosco, na certeza de que todos precisamos de conhecer as causas de tanta miséria, que provém de omissões de que a todos nós cabem responsabilidades.

O nosso Bispo prometeu estar mais vezes connosco. Ele foi com esta promessa e nós ficamos com a alegria da certeza.

BARRACAS — O acesso de Setúbal à auto-estrada, melhoramento recente, pôs ao léu uma montanha de barracas, como que a formar a barreira.

Dantes estavam escondidas, agora não. As pessoas que lá moram sobem e descem. Os caíros mai-las pessoas passam em baixo e, quantas delas nem as olham. Não dão nas vistas. Os que as habitam estão à parte. Tábuas desbotadas, latas amanchucadas e trapos à mistura rasgam corações. Crianças crescem e não dão fé do mal que as vai minando. Não importa. São os marginalizados duma futura Sociedade.

Apesar de tantos discursos e de tanta coisa feita em nome da criança, a mais desprotegida, ela continua a ser pedra morta.

Aquelas barracas, antes escondidas e agora à vista, serão escondidas novamente, por via do Turismo mais daqueles que gostam de mostrar belezas exteriores... Roupas lavadas em corpo sujo!

MAGUSTO — Hoje foi dia de magusto cá em Casa. Eu não sei quanto custaram as castanhas, mas, para saborear este convívio, vale bem a pena manter a tradição. A malta foi dividida em três grupos, tantos como as fogueiras que foram por eles acesas no meio dos nossos eucaliptos. Cada grupo com seu chefe. Responsáveis todos, mas um mais. Da minha casa vi as labaredas e fui atraído por elas, mais por outras que incendiavam os corações destes rapazes que sempre anseiam por tudo o que é novo.

Castanhas assadas, há que colhê-las prós tabuleiros; é comer, regadas

com água pé. Enquanto se mastigava, outras fogueiras foram aticadas, estas para que fossem saltadas pelos mais lestos e peritos. Houve quem queimasse os pelitos da barba. Connosco estiveram alguns dos nossos com mulheres e filhos. Que bom!

POMARES — Os nossos pomares estão carregadinhos de laranjas. Os

nossos rapazes aprendem durante o ano as voltas e canseiras que têm para sentirem, apalparem, saborearem e colherem. Eu gosto de os ver a colher. Assim é que há leite no tratar, podar, regar árvores sem fruto, para que ele venha. É a Natureza que assim manda. Ora o que se diz das árvores, assim podemos dizer dos que temos nas nossas Comunidades. Todas as

canseiras são poucas para que a seiva não venha a ser devorada por parasitas.

As nossas Casas do Gaiato que mais são senão pomares?...

Ernesto Pinto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

É NATAL! — Não poderíamos deixar de assinalar a data que, pelo seu valor transcendente, toca o coração dos homens, especialmente nesta quadra. Mas o Natal é todos os dias a nosso lado, quiçá no mesmo lugar, na mesma freguesia. Aonde haja um Pobre que sofra injustamente, aonde haja miséria imerecida aí está Jesus de Nazaré.

Só é pena, como há 2000 anos, Ele continuar a sofrer pela nossa indiferença, pela nossa cobiça, pela nossa omissão — pelos nossos pecados.

Vem aí o Natal. E ainda hoje, aqui e ali, são publicitados *bodos* e *bodozinhos*, como quem brinca com coisas sérias! O Pobre mereça respeito pela sua dignidade de filho de Deus. E não é com esses espectáculos que se procura resolver os seus problemas. O *bodo* é uma afronta à dignidade do Pobre. E maior, se provém de quem se sirva, consciente ou inconscientemente, do Santíssimo Nome de Jesus — da Sua Mensagem Libertadora.

PENSIONISTAS — Segundo notícia publicada discretamente na Imprensa, ao Provedor da Justiça chegam reclamações sobre pensões de sobrevivência e de aposentação. Tendo-as em conta — como é seu dever — ele «chama a atenção dos interessados para as alterações dos Decretos-Lei n.º 191-A/79 e 191-B/79, de 25 de Junho p. p., bem assim para os prazos fixados naqueles diplomas respeitantes à apresentação dos requerimentos de pensões», avisando

O Natal é uma festa muito grande, de que eu gosto muito.

Quando está a chegar, toda a gente se prepara para melhor fazer a Festa no seu coração.

Eu gosto do Natal. E gostaria que o Menino Jesus me desse um presente e todo o mundo se ajudasse, sempre amigos, sem bulhas.

No Natal as mães costumam meter prendas num sapatinho e, quando chegam de manhã, as crianças ficam todas contentes. Nós, cá na Casa do Gaiato, é depois da Missa do Galo, no salão de festas.

Na véspera de Natal costumamos comer bacalhau com batatas, couves, rabanadas, filhós, aletria, etc.

Também fazemos um presépio. O da minha casa é sempre o mais lindo, com figuras grandes e bonitas. Nós já vamos fazer o nosso no fim de semana.

Natal é alegria e paz, mas a Festa de Natal devia ser sempre viva todos os dias.

Viva o Menino Jesus!

José Alberto Pinheiro (12 anos)



O Natal visto pelos Gaiatos

Um grupo deles, dos mais pequenos, mais ou menos «Batatinhas», exprimem à sua maneira, com simplicidade, sob diversos ângulos, como vêm e sentem e vivem a Festa do Nascimento do Senhor Jesus.

● O Nascimento de Jesus é um dia muito feliz.

Aqui, na Casa do Gaiato, o Natal é uma grande festa. Fazemos o presépio e a árvore de Natal. Eu divirto-me muito.

O Menino Jesus nasceu em Belém, nas palhinhas deitado, para nos ensinar a sermos bons e amigos uns dos outros.

O Natal devia ser bom para todos. Mas é triste para muitos, como a minha Mãe que vive numa casa que não tem coisas boas e, por isso, não tem alegria.

Eu queria que, neste Natal, houvesse alegria e paz em todas as casas do mundo.

Paulo Jorge da S. Lourenço (9 anos)

● Para mim, o Natal é uma festa muito grande, porque nós comemos melhor para festejarmos o Nascimento de Jesus.

O Natal é no dia 25 de Dezembro. E o pai Natal dá muitas prendas. Comemos bacalhau com batatas e couves.

Eu gostaria de passar o Natal em minha casa, mas não posso.

Foi nesse Dia que o Menino Jesus nasceu em Belém, nas palhinhas deitado, e os bois a aquecê-lo e Nossa Senhora estava ao lado.

Na festa de Natal põem-se nas casas umas árvores com muitas luzes e bolos, mas o principal é o presépio que nos lembra melhor como Jesus nasceu.

Artur Paulo de Jesus Mota (11 anos)

● Eu gosto do Natal porque recebo prendas. Eu vou receber uma prenda da minha avó.

Este é um mês em que se fala do Nascimento do Menino Jesus. Lá, na minha terra, à noite, eu ia pedir dinheiro numa caixinha com o Menino Jesus e S. José e Nossa Senhora e vaquinhas e ovelhas. Cantava aos senhores e davam-me dinheiro.

José Manuel C. Andorinha (11 anos)

● O Natal é para todos os meninos e as pessoas grandes festejarem os anos do Menino Jesus, que nasceu no dia 25 de Dezembro.

Eu tenho amor ao Natal porque fala-se sempre do Menino Jesus, de alegria e de paz. Há muitas casas lindas, com presépios, e luzes a apagar e acender na árvore de Natal.

Então o Menino Jesus foi crescendo e ficou grande. E eu queria que Ele me desse uma bola, umas luvas e carrinhos.

Carlos Alberto Ferreira (12 anos)

● Festejamos, no Natal, o Nascimento de Jesus.

O Natal é muito bonito. Jesus veio ensinar-nos a viver como amigos uns dos outros.

No presépio pomos o Menino Jesus, Nossa Senhora, S. José, ovelhinhas, pastores, etc.

O Natal é bom porque dão coisas boas e é muito alegre. Eu gosto muito das prendas, pois são sempre dadas com alegria.

Carlos Miguel F. Rosa (11 anos)

designadamente os funcionários Função Pública «demitidos por efeito de pena disciplinar ou de condenação penal definitiva, ou os seus sobreviventes, de que lhes foi conferido direito às pensões respectivas».

Como os Serviços oficiais não lançam uma campanha de informação — sobre os diplomas — a intervenção do Provedor da Justiça procura combater a omissão, é certo, mas contém não se ficar por notas soltas sem destaque. Há outros meios eficazes para a notícia chegar antes do prazo fixado a todos os cantos do País, a todos os indivíduos e famílias abrangidos pela legislação em vigor: por intermédio dos Párocos da Rádio, da Televisão, etc. Porquê de contrário — a tarimba no-lo diz — os mais carenciados serão duplamente prejudicados.

PARTILHA — De Chaves, 500\$00 pedindo desculpa «ser pouco». Mas 100\$00 de Laura, do Porto. O mesmo de Odivelas por «alma de meu filho, pai e mais família» e que «Deus nos ajude a enfrentar as tristezas da vida».

O casal-assinante 17022 marca presença do costume. Assim como, por duas vezes, a «Assinante (que foi) de Seixal». Uma constância só possível pela Graça de Deus, em testemunho de serviço pelos Outros.

Um cheque de Lobelhe (V. N. Ceveira), corresponde a uma nota publicada nesta secção. Agora, uma carta de Lisboa:

«São quinhentos escudos para Conferência. É pouco para tantas necessidades. Se todos dêssemos um migalhinha, o mundo seria melhor. Tanto luxo e tanta vaidade e tanta gente a morrer de fome nesta cidade. Deus vos dê sempre a mesma disposição e sejam sempre pelos Pobres que têm carências de toda a ordem. E há tanta gente que olha o Pobre com desdém!»

Aqui temos, exactamente da Capital, uma chamada para que haja de coror quando está em causa a dignidade, a subsistência, a sobrevivência dos Pobres. Uma chamada cristã muito oportuna.

Noutro aspecto da problemática, lamentável que certas medidas generalizadas — que aliviam (mas não resolvem) a miséria imerecida — catem sem pruridos a tecnocratas, a bem instalados, como se os Pobres devêssem pagar, e só, a crise, sendo eles os que mais a sentem e sofrem na sua carne. Até neste aspecto se repercutiu aquela mentalidade, quando deveriam haver um certo pudor nas afirmações nos bloqueios ou nas promessas.

Senhora muito amiga, de Aveiro 2.000\$00, sempre com uma palavra de estímulo.

Escalhão, 250\$00. Mafra, 100\$00. Outra vez Lisboa com mensagem oportuna:

«Também eu quero participar com 500\$00. Sei que é pouco e que não dá sequer para tapar um pequeno buraco, mas é tudo quanto posso contribuir para um auto-construtor com maior necessidade de momento.



TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 1.ª pág.

tir o pão: ofertas e envelopes aos vendedores de O GAIATO em Castelo Branco e pessoas que me falaram na sacristia ou à porta da Sé da mesma cidade; e as lembranças à mão, pelo correio, ou pelos vendedores da Covilhã; e Amigos de Tomar que aproveitam o Paulito; e o Chiquito Zé e Adelino que vão a Leiria e trazem os recados que lá lhes dão; e outras terras onde os nossos vão: eles são portadores de muitas coisas boas.

Ao fim daquele dia, como eles vinham escaudantes com os mimos que lhes tinham dado, eu, que servi de motorista, também vinha muito feliz. Logo ao começar o dia, na oficina onde tive de ir com uma avaria na carrinha, disseram que era da Casa do Gaiato e que não pagava nada. Que fizéssemos boa viagem. Fizemos, graças a Deus.

Vieram com mensagem e cheque do magusto os netinhos do Avô de Mação; nas idas à igreja de Santa Cruz tenho recebido mãos discretas; a Casa do Castelo, na Sofia, tem continuado a ser depósito fiel para os Amigos que ali deixam; tem chegado o vale mensal de Vilar Formoso, Lisboa e outros; têm ido muitos Amigos ao nosso Lar de Coimbra; várias Professoras nos têm aparecido com suas ofertas; vários sacerdotes com mãos muito escondidas; selos da Covilhã; valês e outras prendas da Figueira.

Mil de Ferreira do Zézere; várias presenças de Fava Rica; Grupo de Seixo de Mira; amigo de Cebolais; recordações por Helena e João; muitos mimos na minha aldeia; 1.140\$ que Amiga francesa nos mandou; o primeiro ordenado de Senhora médica, repartido; ofertas aos vendedores às portas das igrejas de Coimbra; dois

cheques de Amigas que viveram no Caramulo; vales da Trofa; um embrulhinho de bananas; o nosso quinhão que alguém entregou ao nosso Bispo e que já chegou a nossas mãos; trezentos de multa; dois mil de visitantes da paróquia de Regueira de Pontes.

Duzentos de Alcains; anónima de Miranda todos os meses; mil de vizinho que agora vive nas Caldas; 500\$ para rebaçados de 1.º ordenado da 2.ª filha; encomendas de Pombal; mil de promessa; presenças da Lousã; 2.040\$00 por alma de bom Amigo; carta do Luso;

cheques da Mealhada; o dinheiro que seria para flores do Marido; dois mil de casal visitante de Mira d'Aire; 500\$00 em cheque de «uma Mãe agradecida», de Leiria. Muitos dos nossos passaram em férias ou mandaram pelo correio. Um dos últimos veio da Alemanha. O último foi há dias: quis repartir o que havia herdado da Mãe. É um casal com quatro filhinhos, mas sempre aberto no repartir.

Duzentos de gorjeta que Senhora tem de receber nos Hospitais; duzentos de promessa de Amiga de 86 anos. Esta Amiga fez-me recordar a tia Maria de Godinhela que Deus chamou há dias, com 97 anos. Vivía onde é hoje a nossa Casa. Quarenta anos de tão boas relações de amizade! «Nunca tive

uma escândula de toda esta gentinha. Todos sempre me respeitaram e eu sou muita amiga de todos. Quando eu morrer quero que todos me acompanhem» — ouvi muitas vezes este grande testemunho desta Mulher forte em corpo pequeno. Que descanse em paz.

Chorei nesta separação. Foram 30 anos que a conheci e com ela conversei muitas vezes. Vida generosa e repartida em amor. Recordo seus encontros com Pai Américo: Eram abraços de muita amizade. Acolheu-nos bem desde a primeira hora. O Senhor já lhe deu o prémio de pão de amor que repartiu. Na vida procurou conhecer e amar o Senhor. Demos graças a Deus.

Padre Horácio

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

mais do que o seu dever ao acudir às necessidades dos seus membros em dificuldade. Os cegos estão nesse quadrante e não se lhes faz favor nenhum se for atribuído a cada

invisível o salário mínimo nacional, em ordem à sua subsistência, para lá de outros meios proporcionados à sua promoção e ao seu enquadramento social. O resto é brincar às caridadezinhas e explorar os sentimentos das pessoas. Há justiça.

● No momento em que escrevemos está terminada a campanha eleitoral. Não nos referiríamos ao facto se não fôra a enxurrada de promessas feitas por todos os partidos em ordem a resolver os problemas cada vez mais volumosos, que se nos apresentam. Como é fácil prometer?! Sem perdermos, apesar de tudo, a esperança, e por isso nos situamos nesta frente de combate, como gostaríamos de menos verborreia e de mais actos, concretos e sérios, de promoção da justiça social!

● Uma última palavra. Trata-se de renovar o convite já feito nestas colunas para que venham até nós. O contacto com as realidades a todos enriquece. O calor humano que trouxerdes também terá a sua contrapartida. Conhecendo-nos melhor também estaremos mais capacitados a amarmo-nos.

Padre Luiz

O NATAL e a FAMILIA

Tínhamos acabado de almoçar e iam ao caminho do nosso bar, tomar o cafézinho. O dia estava cheio de sol, restos do Verão de S. Martinho. Apeteci mesmo brincar cá fora. Assim faziam os nossos rapazes mais pequenos: bolas, de todos os feitios e também de hóquei sem patins — havia campeonato em Espanha. Excepto dois deles. Dois irmãos, — o Tozé e Almeida. Sentados no fundo das escadas que dão do redondo para as traseiras da casa-mãe, liam, amarrados um ao outro, liam qualquer coisa... Voltei atrás, descí as escadas e aproximei-me. Liam uma carta de pessoa de família mais chegada pelo sangue. Uma tia. E com um pedido — impossível de atender, no caso — de os deixar ir no Natal a casa dela. Disse-lhes logo que não, só no Ano Novo. O mais velho ficou mais triste e pediu:

— E se for dois ou três dias depois?

— Sim, isso já é possível...

A família de sangue é uma força que pesa demasiado na nossa afectividade! Força de atracção irresistível em alguns dos nossos rapazes. Um mito até, em caso de parentes afastados que, fora do tempo, aparecem e, com lágrimas nos olhos (verdadeiras, até), a insinuar compaixão e amor. O perigo assim é eminente. E de consequências bem dolorosas para nós, ele e eles. Um dia, dois, três, pouco ou nada custa a ninguém aturar um elemento familiar semi-estranho. Hoje, amanhã e depois e depois, é que é difícil! A nossa mentalidade (civilização) mesmo com ideal, é ainda um estorvo na assimilação de vida de alguém que, pela carne ou pelo espírito, nos pertence de qualquer modo. Há excepções, claro. Conhecemo-las... Alguém que in-

troduziu na sua família uma criança completamente estranha e a estima como da sua carne. É gesto nobre que requer ideal. Graças a Deus, gestos assim são mais do que podemos pensar; mas não são suficientes, de modo algum, para integrar no seio de uma família todos os abandonados! Porque assim é, as nossas Casas continuarão a existir, cheias...

Aquela carta trazia um pedido!... O Natal é a Festa da Família. Por Ele e por Ela é que somos e ficamos! Tentando refazer o Natal e a Família... Será possível? Nem todos compreenderão.

Padre Moura

Gostava de poder enviar mais, mas também eu e meus irmãos fomos auto-construtores, pois que meus pais não tinham casa em condições; inclusivamente até lá chovia e caía neve no tempo dela. Então, nós, os três filhos empregados, a ganhar o ordenado mínimo e só eu solteira, conseguimos dar-lhes uma moradia decente para o resto da sua velhice. É certo que ainda nem sequer está forrada, mas já falta pouco para lá chegar; e é apenas o que falta, além dos estores.

É pena que entre os filhos não haja a união que existe entre nós, para auxílio aos pais que tanto lutaram por nós, ou entre os que mais podem por aqueles que menos podem.

Sei que custa muito, é verdade, mas com força de vontade tudo se consegue.

Passámos longos meses de privações, é certo, mas valeu a pena, pela alegria e conforto que demos aos nossos pais e à minha irmã mais nova que está com eles.

Prometo continuar, na medida do possível, a enviar um pouco do que os Pobres precisam.»

Esta carta é um documento formidável!

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FESTA DE NATAL — No dia 1 de Dezembro, os trabalhadores da fábrica EFACEC promoveram a sua festa de Natal com entrega de prendas aos seus filhos.

Nós fomos chamados a colaborar com o nosso Conjunto Musical e alguns «artistas» teatrais dos mais novos, visto tratar-se de uma festa infantil.

O Conjunto foi logo de manhãzinha para montar tudo e experimentar a acústica da sala (Pavilhão do Académico).

Por volta das 12 horas estávamos prontos e convidaram-nos a almoçar com os trabalhadores que se encarregaram do arranjo e dos enfeites do Pavilhão.

Que delícia estava o almoço e que momentos de conversa amena e proveitosa sobre a nossa Casa e sua vida! Depois, a companhia foi muito agradável e, de vez em quando, nem faltou o sentido do humor.

Logo após o almoço dirigimo-nos novamente ao Pavilhão onde começavam a chegar as primeiras pessoas.

A Festa principiou com ginástica pelos atletas da fábrica, que se saíram muito bem.

Depois, foi a vez da nossa mini-revista teatral acompanhada pelo Conjunto. Houve palhaços e o Conjunto actuou no encerramento da Festa, enquanto distribuíam prendas e lanche pelas crianças.

Também todos recebemos uma lembrança: um estojo de lápis completo para a escola e goluseimas para adogar a boca.

Houve muita animação e a meu ver tudo correu com muita calma.

Não podemos deixar de agradecer aos organizadores desta Festa de Natal da EFACEC, que realmente nos acolheram como seus colaboradores e sem cerimónias. Pareciamos pessoas da casa!

Um obrigado muito sincero por tudo e as nossas desculpas se falhámos nalguma coisa.

PRENDAS — O Natal está aí e todos sabemos que é a quadra em que os filhos presenteiam os pais e vice-versa.

Pois bem, os brinquedos estão caros e nem toda a gente pode comprá-los. Cá em Casa também temos esse problema. São tantos os miúdos e poucos os brinquedos ou qualquer apetrecho de brincadeira ou de uso escolar, até.

As nossas prendas são feitas com aquilo que vamos recebendo durante o ano, o que é sempre insuficiente para uma família tão numerosa.

Nesta quadra pensamos sempre na vossa ajuda e temo-la tido, graças a Deus.

Oxalá possamos ver os nossos miúdos contentes com brinquedos que nos ofereçam ou nos ajudem a comprar.

«Marcelino»

Os Direitos da Criança

X — «A criança deve ser protegida contra as práticas que possam levar à discriminação racial, religiosa ou a qualquer outra forma de discriminação.»

Deve ser educada num espírito de compreensão, tolerância e amizade entre os povos, paz e fraternidade universal e no sentimento de que deve consagrar a sua energia e os seus talentos ao serviço dos seus semelhantes.»

O parágrafo com que termina a Declaração dos Direitos da Criança põe-nos diante de uma terrível interrogação: Que espectáculo oferece à criança o mundo dos adultos onde as discriminações de todas as formas são tão frequentes e gritantes?! Elas dentro das nações. Elas entre as nações. Elas com fundamento religioso ou pretexto pseudo-religioso. Elas de natureza social: velhas classes ou novas classes, tudo vem a convergir em idêntico defeito. Ele o escândalo de uma Humanidade em que as distâncias físicas foram diminuídas pelos meios de comunicação actuais, mas em que perdura uma distinção e divisão entre primeiro, segundo e terceiro mundo. Ele o racismo dos mais adiantados em civilização e um racismo de vindicta, fomentado por interesses políticos em oposição. Ele todo um clima de

confusão, propositadamente alimentado para dificultar a reflexão sobre a Lei natural em que os homens encontrariam bases fundamentais para a sua convivência fraterna, não falando já do contributo da Lei Positiva Divina à paz no Homem e entre os homens.

«A criança deve ser protegida...» Mas por quem? Mas por que meios? Será que baste formá-la teóricamente contra toda a forma de discriminação, para que ela fique vacinada e livre da contaminação de ambientes em que tem de viver, poluídos por tanta prática discriminatória?

Pensámos sempre que a validade da promulgação dos Direitos da Criança depende, em primeira instância, da conversão das gerações adultas e responsáveis, chamadas a meditar e a arripiar caminho, começando pelo apreender da

«contribuição original para a sociedade se humanizar, se desenvolver e renovar» que as crianças oferecem ao mundo, como nos lembrava Paulo VI no seu discurso ao Director Executivo da UNICEF, contributo este que os nossos Bispos na sua Nota Pastoral explicitaram: «A inocência, a espontaneidade, a simplicidade, a capacidade de perdoar e esquecer, a generosidade, a facilidade de relação sem preconceitos nem fronteiras» — «expressão viva dos sentimentos e atitudes que redimem e libertam o homem e a sociedade». E antes e mais que o Papa ou os Bispos, foi o próprio Jesus que nos indicou como método de progresso na via da eternidade o «tornarmos-nos como crianças»; e nos avisou do risco tremendo em que se coloca quem «ousar escandalizar uma criança».

Não será a realidade deste escândalo uma das grandes ameaças que pairam sobre o mundo? Não explicará o desencanto da vida, no meio de tantas coisas boas que o enge-

nho do homem tem multiplicado, a falta da bênção das crianças?

A grande fonte da educação é a Verdade. Dela nascem mananciais de vida. Onde qualquer forma de discriminação é uma ideia ou um sentimento que até custa a compreender e aceitar como possível, a sensibilização à tolerância, à compreensão, à amizade, resulta espontaneamente. Assim entendeu Pai Américo. Tendo começado o seu sacerdócio pela pregação em lugares de reduzida prática religiosa e trabalhados também por irmãos de outras igrejas, jamais buliu fosse em quem fosse. O Evangelho é tema inesgotável. Foi o seu tema. Quem tem o que pôr, não precisa de contrapor. Depois foi o mundo de todas as misérias em que mergulhou sem qualquer resquício de apartheid: «Lázarus», as cadeias, as zonas de má vida, os antros onde a vida não tem condições, os incultos, os mal-criados, os sujeitos... — eis o mundo que o Senhor lhe reservou e ele recebeu. Pois não será porque em terreno assim preparado, de longe e sempre, que aconteceu com toda a simplicidade, depois de 1975, a nossa Comunidade de Benguela eleger por maioria inequívoca seu chefe-maioral o único português que ainda lá restava, enquanto em Paço de Sousa era eleito chefe-maioral um oriundo da Guiné?! E que dizer do acerto das escolhas, quando só o regresso daquele a Portugal foi motivo de interromper o mandato e a ida deste para a tropa causa de cessação?! E a festa que é no refectório, as vezes que ele aí aparece, se sucede, como é frequente, à hora da refeição!

Mais difícil de imprimir é o sentimento de que cada um «deve consagrar a sua energia e os seus talentos ao serviço dos seus semelhantes». O individualismo, o egoísmo, o pequeno-burguês que por tendência nata mora em cada um de nós — são forças muito poderosas, obstáculos muito resistentes ao germinar e florescer do homem-social, cidadão

de um mundo cada vez mais pequeno, em cujo progresso e domínio todos estamos comprometidos por mandamento divino e para bem do Homem. O trabalho, a poupança, a saúde, a cultura... são bens que, só na medida em que forem Bem-comum, podem vir a ser bem de todos e cada um dos homens. Fora desta óptica, resta a luta-pela-vida, o império dos mais fortes, a exclusão ou vegetação dos mais fracos — processo selvagem que nunca conduzirá à fraternidade universal. O método é, justamente, que numa Humanidade natural e desigualmente dotada, os mais capazes «consagrem a sua energia e os seus talentos» ao serviço dos que menos são. Para tanto é necessário que cada homem se empenhe em vencer a sua inércia e lute pela sua promoção, sim, mas integrada no desenvolvimento de todos os homens. Que desperte e cresça na consciência de que é um ser social, sempre credor e devedor em relação ao seu semelhante, num clima de Humildade que é a Verdade. Quanto mais der de si mesmo e menos necessitar de receber de fora, tanto mais livre, tanto mais fecundo, tanto mais feliz. Exemplo...? Homens como Pai Américo, livres, fecundos, felizes!

Mas é tão difícil no seio de uma sociedade contaminada pelo consumismo que, apesar da austeridade que Pai Américo nos deixou como estilo de vida (Não confundir com a mesma palavra usada a níveis oficiais!), não tem tréguas a luta por a conservar nas mentes e na prática daqueles que nos cercam e dos para quem somos.

O sentido do social é essencialmente interior, espiritual. Não se alcança pela adesão a uma ideologia guardada entre outras categorias intelectuais. Para ser vivo e difusor de vida tem de incarnar em ascese que ultrapassa de longe a nossa debilidade natural. Tem de mirar as Bem-aventuranças como meta e passar pelo exercício d'Elas para a atingir.

Padre Carlos

Calvário

Contaram-me e fui ver. O carro fica na estrada e eu subo a encosta até ao cume do monte calvo. O vento fustigame o rosto. O sol brilhante não aquece. O Verão de S. Martinho é claro, mas frio. Chegado, deparo com algumas casas, mal acabadas e dispostas a esmo. Crianças seminuas, sentadas junto às paredes das moradias brincam sem brinquedos. Entretêm-se com pedras soltas e pedaços de madeira. A casa que procuro não tem porta no sítio devido. Esta, apodrecida e desconjuntada, encontra-se tombada no chão a servir de degrau. Uma cortina de riscado serve de porta. Entro e a dona da habitação mostra-me os aposentos. Dois apenas.

— Ali, durmo com os meus dois mais novos, que ainda são pequenos. Aqui, neste quarto e nesta cama, dormem os outros quatro. São dois rapazes e duas raparigas. Tudo o que vê foi-nos dado.

Mas tudo é muito pouco. A história desta família vai-me sendo contada em todos os pormenores. O marido é tuberculoso. Anda em tratamento. Está com baixa vai em três anos. Os magros três mil escudos que recebe esgotam-se antes do fim de todos os meses. A conta na loja anda sempre atrasada. Até ao meio de cada mês, come-se «melhorzinho». Depois,

«remedeia-se». Para amargar mais o viver deste lar, estes pais têm um filho de oito anos, atrasado mental e paralítico. Há tempos sobreveio-lhe uma pneumonia e recolheu ao hospital. Recuperado da enfermidade, tem alta. Mas esta mãe não quer ir pelo filho. Não tem cama para ele. Não tem agasalhos para ele. Não tem comida para ele, tão bem preparada e abundante como a que lhe é dada no hospital. Esta mãe não quer ir pelo filho, porque sabe, afinal, que onde ele se encontra, está bem melhor.

Prometo uma cama, colchão, roupa e a certeza de uma escola especial para a criança, onde irá receber uma educação adequada todos os dias. A mãe sorri de feliz. Acredita na promessa, porque sabe que vou cumprir. E recebo um «então vou já pelo meu filho».

A leitura que se faz, normalmente, do Evangelho, é a de um passado que nele se regista, ou a de um futuro que ali se sugere. Raramente a do presente que importa descobrir. O Natal, a título de exemplo, é acontecimento situado naqueles tempos. Cristo veio. Cristo há-de vir. Mas Cristo vem?

Cristo veio após a história atribulada do Seu Povo para o libertar. Cristo virá, também, segundo o Evangelho, após

convulsões de toda a ordem no Universo. Mas não estará Ele, hoje, por detrás de todas as amarguras ou formas de pobreza e de miséria?

Se eu ultrapasso as dificuldades que suportar, transformando-as em acto de fé e de amor, Cristo vem ofertar a vida e amá-la em mim, para não ser vencido por ela, mas a vencer. Se eu vou ao encontro de todos quantos carregam dificuldades no seu viver, vou certamente com Ele à minha espera para ajudar a libertar do desespero e da dor aqueles que as vivem. E a vida renasce e renasce plena de pujança, de alegria, de certeza, se é fruto do Amor.

Quando subo à serra sei que Ele está. Tem de estar por detrás de toda a história que vou ouvir e observar. Tem de estar. Pois venho simplesmente sugerir isto mesmo aos moradores daquela pousada.

Esta perspectiva, para quem nela se coloca, torna o Homem um permanente vencedor. Nada nem ninguém o derruba. Se os cristãos se «instalarem» nela, a vida que se extingue em tantos lares tomaria novo alento e os homens ganhariam novas forças.

Cristo morreu, mas não foi vencido pela morte. Ele venceu a morte. E hoje está vivo, no Evangelho e na Igreja, para ajudar a vencer todas as formas de morte que o Homem tem de enfrentar. Aceitar o Evangelho e viver plenamente a Igreja, é entrar nesta linha de permanente vitória.

Padre Baptista



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 33.150 exemplares